





Autoexame

entre a solidão e a comunhão



GUSTAVO BORJA BESSA

Uma publicação da Igreja Batista da Lagoinha

1ª Edição: dezembro/2013

Capa e Diagramação:

Junio Amaro

APRESENTAÇÃO

Lembro-me bem quando os computadores começaram a entrar na vida diária brasileira e muitos trabalhos migraram para a “*telinha*”. Uma das primeiras suposições foi que iríamos usar bem menos papel, pois tudo ficaria armazenado no computador, para alegria das árvores. Para surpresa de todos, nos anos seguintes foi constatado que estávamos usando cinco vezes mais papéis do que no tempo das máquinas de escrever. Essa simples constatação foi a primeira de uma série de outras que passamos a viver nos anos seguintes: o

advento dos computadores e seus assemelhados, de fato, não simplificou a nossa vida. Ao contrário, tornou-a muito mais complexa e atraente, roubando vertiginosamente o nosso tempo. Com isso, os momentos com Deus, leitura da Bíblia e meditação se tornaram, antes de tudo, um heróico ato de negação aos atrativos da informática. Não bastasse termos que vencer o sono e o cansaço, agora, teríamos que vencer o gigante cibernético.

Por razões como essa é que o autor recomenda o autoexame, uma vez que *“o ativismo do nosso tempo, em vez de contribuir para a nossa intimidade com Deus, favorece o endurecimento do nosso coração”*. E exorta: *“Precisamos estar atentos ao nosso coração e aos estratagemas que a nossa natureza pecaminosa usa para tentar nos afastar dos princípios e da vontade de Deus”*. O momento, portanto, é de desacelerarmos, senão, corremos o risco de apostasia.

Após apresentar essa realidade, o autor Gustavo Bessa, como é do seu feitio, se reporta à História para exemplificar suas afirmações, nos levando, nada menos que ao século II, e estabelecendo um paralelo com as ideias de John Bunyan no livro *“O Peregrino”*.

Daí em diante, o livro é puramente um espelho que revela o interior dos protagonistas da nossa geração – os obcecados pelo sucesso pessoal e profissional – e deságua brilhantemente no paradoxo solidão e comunhão, dialogando com alguns pensadores, mas, sobretudo, com textos bíblicos objetivos e elucidativos sobre o tema.

Por fim, o autor conclui com a revelação de onde as pessoas podem encontrar um caminho para o autoexame e a solução para equilibrar a vida com Deus, a Igreja e a inevitável vida profissional. Existe vida em abundância além dos atrativos luminosos da telinha. Quando entendermos isso, gastaremos bem menos dias diante das máquinas e muito mais tempo com Deus; sem contar que iremos economizar muitas árvores. A natureza agradece.

PR. ATILANO MURADAS

“DEIXEI DE VIGIAR, DE ME MANTER SÓBRIO”

O livro *“O Peregrino”*, escrito por John Bunyan, consagrou-se como a obra de ficção mais lida de todos os tempos. Escrito há mais de 300 anos, narra a jornada do cristão rumo à Cidade Celestial. Por meio de alegorias, traz ensinamentos, orientações e cenas daquilo que o cristão pode encontrar du-

rante a sua jornada de fé. Em uma das cenas, o cristão estava na casa de Intérprete a fim de aprender algumas coisas úteis para a sua jornada. Depois de passar por muitos lugares, o cristão foi levado até um homem extremamente amargurado sentado atrás de grades de ferro. Ali, iniciou-se o seguinte diálogo:

- O que você é? – perguntou Cristão.

- Sou o que antes não era – respondeu o homem.

CRIS – O que você era?

HOMEM – Antes era um professor formoso e bem-sucedido, tanto aos meus próprios olhos quanto aos olhos dos outros. Pensava que era destinado a subir até a Cidade Celestial, e então até me alegrava diante da ideia de que lá chegaria.

CRIS – Sim, mas o que você é agora?

HOMEM – Hoje sou um homem desesperado, e no desespero estou preso, como nessas grades de ferro. Não posso sair. Ah, já não posso mais.

CRIS – Mas como é que você chegou a esta condição?

HOMEM – Deixei de vigiar, de me manter sóbrio. Larguei as rédeas no pescoço das minhas paixões. Pequei contra a luz da palavra e a bondade de Deus. Entristeci o Espírito e Ele se foi. Tentei o Diabo, e ele me veio. Provoquei a ira de

Deus, e Ele me abandonou. Tanto endureci o meu coração, que já não posso me arrepender [...]

CRIS – Então não há esperança? Você tem de continuar preso atrás dessas grades de ferro, em desespero?

HOMEM – Esperança nenhuma.

CRIS – Por quê? Se o Filho do Bem-Aventurado é sobretudo misericordioso?

HOMEM – Eu o crucifiquei de novo para mim mesmo; desprezei a sua pessoa; desdenhei da sua justiça; tive o seu sangue como uma coisa ímpia, ultrajei o Espírito da graça (Hb 10.29). Portanto, distanciei-me de todas as promessas, e agora nada me resta senão ameaças, terríveis ameaças, temíveis ameaças de segura condenação e feroz indignação, que me irão devorar como um adversário.

CRIS – Por conta do que você se deixou cair em tal estado?

HOMEM – Pelas paixões, prazeres, proveitos deste mundo, e ao gozá-los prometi a mim mesmo muito deleite. Mas agora cada uma dessas coisas me rói e me atormenta como verme ardente.

CRIS – Mas agora você não pode se arrepender e voltar atrás?

HOMEM – Deus me negou o arrependimento. Sua Palavra não me encoraja a crer. Sim, ele mesmo me trancou atrás dessas grades de ferro, e nem todos os homens do mundo

podem me libertar. Ah, eternidade! Eternidade! Como lutar contra a miséria que me aguarda na eternidade?

Esse quadro tão vívido desenhado pela caneta de Bunyan retrata o desespero daquele que, em algum momento, apostatou da fé. A sua apostasia não aconteceu repentinamente. Ela foi apenas a consequência natural da ausência de autoexame e de frequentes flertes com o pecado. Como afirmou o apóstata: *“Deixei de vigiar, de me manter sóbrio. Larguei as rédeas no pescoço das minhas paixões. [...] Tanto endureci o meu coração que já não posso me arrepender”*.

UM PERÍODO CRÍTICO

Nós vivemos em um período muito delicado. Se fizermos uma rápida pesquisa em nossa memória, verificaremos que o número de desviados é enorme. Nós mesmos, certamente, conhecemos algumas pessoas que um dia estiveram na igreja, mas que posteriormente se desviaram dos caminhos do Senhor.

Mas o grande número de desviados não é o único indicativo para entendermos que vivemos em

um período delicado na história da igreja. A ausência de cristãos verdadeira e profundamente comprometidos com o evangelho de Cristo também nos choca. Não é incomum ouvirmos notícias que divulgam tanto o crescimento das igrejas evangélicas como também os escândalos promovidos por evangélicos.

J.I.Packer, prefaciando o livro *“Santos no mundo”* de Leland Ryken, fez a seguinte observação sobre a situação da igreja ocidental, mais especificamente, sobre a igreja norte-americana:

Um líder bem viajado, um americano nativo, declarou que o protestantismo norte-americano – centrado no homem, manipulativo, orientado pelo sucesso, autoindulgente e sentimental como é, patentemente – mede cinco mil quilômetros de largura e um centímetro de profundidade.

¹ BUNYAN, John. O peregrino. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.p.41-42.

² PACKER J.I. apud RYKEN, Leland. Santos no mundo: os puritanos como realmente eram. São Paulo: Fiel, 1992.p.6.

Nós não podemos fechar os nossos olhos para essa realidade. Não podemos despreocupadamente fazer festa por causa do crescimento da igreja. De que adianta as pessoas fazerem parte da igreja terrena se elas correm o risco de serem impedidas de entrar no Reino dos Céus. De que adianta as pessoas proclamarem *“Senhor! Senhor!”* e, naquele dia, ouvirem da própria boca de Jesus: *“Nunca os conheci. Afastem-se de mim vocês, que praticam o mal!”*³

³ Mateus 7.23 – NVI

O PERIGO DA APOSTASIA

Uma das causas que tem contribuído para o crescimento da apostasia em nosso tempo é a correria incentivada pela sociedade moderna. Porque as pessoas têm que desenvolver muitas atividades, elas precisam estar constantemente correndo de um lado para o outro. Dificilmente alguém consegue tirar um tempo livre. Todos estão sempre ocupados e, naturalmente, impossibilitados de parar para, regularmente, fazerem um autoexame.

Por causa disso – dessa ausência de um autoexame regular – sutil e imperceptivelmente, o pecado vai encontrando espaço no coração e na vida das pessoas. Foi exatamente isso o que aconteceu com o Homem que Cristão encontrou na casa do Intérprete. Esse homem deixou de vigiar, de se manter sóbrio e largou as rédeas no pescoço de suas paixões. Antes de ser envolvido pelo pecado, esse homem se tornou irresponsável na sua vigilância e negligente no seu autoexame.

John Owen, um escritor puritano do século XVII, escreveu sobre os perigos da ausência do autoexame. Segundo ele, se o cristão é negligente, o pecado, que ainda está alojado na sua natureza, não será identificado e encontrará liberdade para agir. E se o pecado tiver essa liberdade, a menor que seja, ele influenciará o cristão até levá-lo à apostasia.

O pecado sempre visa a produzir o máximo de prejuízo: se toda vez que surge para tentar ou para seduzir, tivesse liberdade de atuação, levaria até ao pecado supremo de sua espécie. Todo pensamento ou olhar impuro se transformaria, se pudesse, em adultério; cada desejo cobiçoso se traduziria em opressão; cada pensamento

incrédulo seria ateísmo, se tivesse licença de crescer até se completar. Os homens chegariam a ponto de, sem perceber uma voz escandalosa falando-lhes ao coração, praticar grandes pecados de escândalo com a boca; e cada tentação à concupiscência, recebendo liberdade de agir, chegaria ao auge da iniquidade. É como a cova, que nunca está satisfeita. Nisso se acha boa porção do engano do pecado, que assim prevalece a fim de endurecer o coração das pessoas, levadas finalmente à ruína (Hb 3.13). É sutil, por assim dizer, em seus primeiros movimentos e propostas, mas tendo, por esse meio, conseguido acesso direto ao coração, avança firme e ganha mais terreno. Essa nova atuação e essa incursão não deixam a alma perceber, de fato, que uma invasão já ocorreu para levar à apostasia de Deus.⁴

Nós só conseguiremos impedir que o pecado permaneça atuante em nossos corações se nós o identificarmos. A nossa vitória sobre o pecado e, conseqüentemente, sobre o risco da apostasia dependem do quanto estamos sóbrios e vigilantes. Precisamos estar atentos ao nosso coração e aos

⁴ OWEN, John. A mortificação do pecado: um clássico do século XVII. São Paulo: Vida, 2005.p.39.

estratagemas que a nossa natureza pecaminosa usa para tentar nos afastar dos princípios e da vontade de Deus. Se formos negligentes nesse autoexame, seremos pretendentes da apostasia.

A NECESSIDADE DO AUTOEXAME

Precisamos mais do que nunca desacelerar o nosso ritmo se quisermos viver a nossa vida cristã com mais segurança. O ativismo do nosso tempo, em vez de contribuir para a nossa intimidade com Deus, favorece o endurecimento do nosso coração. Sem que percebamos, o pecado, muitas vezes, tem conseguido afetar algumas das nossas posturas e decisões. Quantas não foram as vezes

que favorecemos alguém por partidarismo? Ou que oramos para sermos notados? Ou que ajudamos alguém por motivos interesseiros? Ou que buscamos o conhecimento a fim de sermos admirados?

Só conseguiremos saúde na vida cristã se escolhermos separar períodos para praticarmos o autoexame. Regularmente, parar tudo o que estamos fazendo a fim de nos dedicar a sondar o nosso coração e as nossas motivações secretas é a única maneira de conseguirmos perseverar em nossas vitórias sobre o pecado, o mundo e o diabo. John Owen comentou:

Realmente, uma das partes mais preciosas e eminentes da sabedoria prática e espiritual consiste em descobrir as sutilezas, a política e as profundezas de qualquer pecado que em nós habita. Tomar conhecimento, considerando aquilo em que se acha sua força maior; que vantagem o pecado costuma tirar de oportunidades, ocasiões, tentações; quais são suas petições, seus fingimentos, seus raciocínios, seus estratagemas e suas desculpas; como colocar a sabedoria do Espírito contra a astúcia do

velho homem; rastrear essa serpente em todos os seus movimentos contorcidos e tortuosos; conseguir dizer, contra suas atuações mais secretas e imperceptíveis (para o modelo comum de coração): *“Esse é seu modo antigo de agir, seu velho caminho, e sei o que você está pretendendo”*, e assim ficar sempre em estado de prontidão, essa é boa parte de nossa guerra.⁵

É infantilidade ignorar a sujidade do pecado que ainda habita dentro de nós. É suicídio permanecer vivendo aceleradamente. Essa vida corrida pode nos levar à apostasia! Precisamos acordar! Devemos entender que o projeto apresentado por esse mundo caído tem um esquema muito perverso. As cobranças que a sociedade nos impõe, se forem aceitas, culminarão no abandono da fé.

O esquema é muito simples: as muitas cobranças levam às muitas atividades; as muitas atividades levam à escassez de tempo; a escassez de tempo leva à ausência de autoexame; a ausência de autoexame permite liberdade ao pecado; a liberdade ao pecado endurece o coração; o endurecimento do coração conduz à apostasia.

O EXEMPLO DOS PAIS DO DESERTO

Um olhar para a história nos faz perceber que, no final do século II d.C., os cristãos correram o risco de, em massa, abandonarem a fé. Praticamente todos eles já viviam tranquilamente dentro do contexto mundano. Não havia qualquer tipo de ojeriza às práticas pagãs. Pelo contrário, havia, sim, por parte dos cristãos, uma assimilação natural tanto da cultura quanto do pensamento e das atitudes pagãs. A pergunta de Tertuliano, *“o que Atenas tem a ver com Jerusalém?”*, segundo o historiador Markus:

É evidência não tanto de uma ponta de um iceberg submerso de hostilidade para com a cultura secular como de uma necessidade sentida de fortalecer a percepção cristã de sua identidade específica em tempo de rápida assimilação que parecia ameaçá-la.⁶

O Cristianismo, durante esse período, correu a passos largos em direção à apostasia geral. Sutilmente, sem que muitos cristãos percebessem, a

⁵ OWEN, John. *A mortificação do pecado: um clássico do século XVII*. São Paulo: Vida, 2005.p.86.

⁶ MARKUS, Robert A. *O fim do cristianismo antigo*. São Paulo: Paulus, 1997.p.37.

cultura mundana começou a penetrar nas igrejas e a influenciar o estilo de pensamento e de vida das pessoas. Começou a ficar difícil distinguir um cristão de um pagão. Na verdade, eles se pareciam muito, excetuando, talvez o uso de algum jargão específico.

Diante dessa crise geral que assolava as igrejas, um grupo de pessoas decidiu se posicionar. O autor Thomas Merton escreveu na introdução do seu livro *“A sabedoria do deserto”* que essas pessoas...

Consideravam a sociedade... Um naufrágio do qual todo indivíduo tinha de se afastar a nado para salvar a vida... Acreditavam que se deixar levar passivamente, aceitando os princípios e valores do que conheciam como sociedade, era pura e simplesmente um desastre.⁷

Um dos primeiros homens que escolheu apartar-se das práticas pagãs e costumes da sociedade mundana foi Antão, considerado um dos primeiros Pais do Deserto. Nascido por volta de 251, ele era filho de alguns camponeses egípcios. Num certo dia, estando na igreja, ele ouviu a leitura do evangelho na parte em que o Senhor disse ao jovem rico: “Se

“você quer ser perfeito, vá, venda os seus bens e dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro nos céus. Depois, venha e siga-me”.⁸ Essas palavras atingiram diretamente o seu coração. E ele resolveu obedecê-las. Vendeu tudo o que tinha, distribuiu os bens entre os pobres e partiu para seguir a Jesus.

Como a sociedade no meio da qual vivia era extremamente mundana, Antão se retirou para o deserto. O seu propósito era o de, no afastamento dos burburinhos da sociedade, aquietar-se a si mesmo e sondar o próprio coração. Ele sabia que as tentações do diabo sempre iriam procurar algum respaldo em seu interior, e que ele só venceria Satanás se o seu coração estivesse puro e firme.

Não demorou muito tempo para que o diabo intensificasse as suas investidas malignas contra Antão. Atanásio, ao escrever sobre esses ataques diz que o acusadorPrimeiramente, tentou fazê-lo abandonar a ascese⁹, sugerindo-lhe a recordação dos bens, a responsabilidade pela irmã, suas relações familiares, o amor ao dinheiro, o desejo de glória, o prazer variado da comida, as outras satisfações da vida, enfim, a aspereza da virtude e as grandes fainas¹⁰ que ela requer; ele lhe representou igual-

mente a fraqueza de seu corpo e o longo tempo que lhe restava para viver. Em suma, despertou em seu espírito tempestade de pensamentos, querendo fazê-lo renunciar a reta eleição. Mas quando o inimigo se viu vencido diante da resolução de Antão, vencido por sua constância, posto em fuga por sua grande fé e sucumbindo às suas orações contínuas, ele [direcionou] as suas armas nos músculos do seu ventre. (São suas primeiras ciladas contra os jovens): ele atacou o jovem, perturbando-o noite e dia, e assediando-o de tal maneira que aqueles que o viam se apercebiam do combate. O diabo lhe sugeria pensamentos obscenos. Antão os repelia com a oração. O demônio o excitava. Ele, ruborizando-se, fortalecia o corpo com a fé, as orações e os jejuns. À noite, o diabo miserável chegava a tomar forma de mulher e a lhe imitar os gestos, com o único fim de seduzir Antão, mas este, pondo Cristo no coração, meditando sobre a nobreza que vem dele e sobre

⁷ MERTON, Thomas apud NOUWEN, Henri J. M. A espiritualidade do deserto e o ministério contemporâneo: o caminho do coração. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2001.p.19.

⁸ Mateus 19.21 – NVI.

⁹ Exercício espiritual de devoção e meditação religiosa.

a espiritualidade da alma, apagava o tição dos embustes do demônio.¹¹

Antão somente saiu vitorioso sobre as tentações e contra o diabo em virtude de seu recolhimento. Certamente uma pessoa fatigada pelas correrias do dia a dia, estressada por causa das tantas atividades, descuidada com o seu próprio coração, inconstante na sua busca a Deus cairia diante da primeira tentação. Foi isso o que aconteceu com o Homem após-tata que Cristão encontrou na casa do Intérprete: ele primeiramente deixou de vigiar e de se manter sóbrio.

A PRÁTICA DO AUTOEXAME

Na Segunda Carta que escreveu à igreja de Corinto, Paulo, explicitamente, ordenou os cristãos a fazerem um autoexame. A situação daquela igreja estava tão caótica e desordenada, que o apóstolo chamou-os para se examinarem a si mesmos para verem se estavam na fé. Aquelas pessoas corriam o risco de caírem na apostasia!

A prática do autoexame é fundamental para a saúde da fé; e o melhor caminho para essa prática é o caminho da solidão. Ninguém consegue praticar

um autoexame no meio da turbulência, da correria e dos burburinhos. O autoexame precisa ser praticado no ambiente em que a pessoa está livre de qualquer possibilidade de interrupção. O momento do autoexame é um tempo da pessoa com ela mesma sob a luz do Espírito Santo. Henri Nowen falou o seguinte sobre os benefícios da solidão na prática do autoexame:

Na solidão, livro-me de meu cadafalso: nenhum amigo com quem conversar, nenhum telefonema a dar, nenhuma reunião à qual comparecer, nenhuma música para me entreter, nenhum livro para me distrair, só eu – nu, vulnerável, fraco, pecador, carente, desalentado –, sem nada. É nesse nada que tenho de enfrentar a minha solidão, um nada tão horrível que tudo em mim quer correr para meus amigos, meu trabalho e minhas distrações para que eu o esqueça e volte a crer que valho alguma coisa. Mas isso não é tudo. Assim que me decido a ficar na solidão, ideias confusas, imagens perturbadoras, fantasias desregradas e associações incompreensíveis saltam em minha mente como macacos em uma bananeira. A ira e a avareza começam a mostrar suas caras feias. Faço longos discursos hostis para meus inimigos e tenho sonhos

voluptuosos, nos quais sou rico, poderoso e muito atraente – ou pobre, feio e precisando de consolo imediato. Assim, tento mais uma vez fugir do abismo escuro de meu nada e restaurar meu falso eu em toda a sua vanglória.¹³

Somente quando ficamos sozinhos com nós mesmos é que revelamos, de fato, aquilo que está em nosso coração. Nesse momento de solidão, não precisamos de máscaras para impressionar a quem quer que seja. Estamos somente nós mesmos com o Senhor, completamente desarmados e desnudados.

Nesse ambiente tão propício, o nosso coração costuma se revelar e trazer à tona toda e qualquer sujeira que porventura esteja depositada no fundo; sujeira essa que, nos momentos de agitação, costumava subir à superfície e causar estragos na vida das outras pessoas. É nesse contexto que temos a

¹⁰ Trabalho, serviço, ocupação.

¹¹ ATANÁSIO, Santo. *Contra os pagãos; a encarnação do verbo; apologia ao imperador Constâncio; apologia de sua fuga; vida e conduta de S. Antão*. São Paulo: Paulus, 2002.p.298-299.

¹² 2Coríntios 13.5.

oportunidade de nos conhecer a nós mesmos e, com o auxílio do Espírito Santo, nos disciplinar para a volta à sobriedade, à vigilância e uma vida de comunhão mais saudável.

A CULTURA DO EGO

Vivemos em um mundo tão doentemente egoísta que a cultura do ego, o culto ao deus ego é celebrado em cada esquina, quarteirão, anúncio de revista, propaganda de televisão, conversa de corredor, sala de aula e sala de casa. As livrarias divulgam e vendem os livros *“faça-você-mesmo”* ou *“ajude-a-você-mesmo”*. Os heróis dos cinemas vivem sozinhos, vencem sozinhos e permanecem sozinhos. Às vezes, eles podem até estar na companhia de alguém, mas somente para mostrarem que,

realmente, não devem se envolver com ninguém. O outro só atrapalha. O outro só arruma confusões. O outro não ajuda em nada.

Os ícones da sociedade moderna são aqueles indivíduos que, sozinhos, venceram na vida. Eles nasceram em uma situação desfavorável, mas, de alguma maneira, encontraram forças em si mesmos para superarem as adversidades. Eles estudaram, trabalharam, sofreram, *“engoliram seco”*, suaram a camisa, superaram-se a si mesmos e venceram. Conseguiram ficar ricos e muito bem-sucedidos aos olhos de uma sociedade que não ajudou em nada, ou melhor, somente tornou as situações mais difíceis.

Quem nunca ouviu aquela história do menino pobre, que quase não tinha o que comer, e que, sozinho, contra tudo e todos, ficou milionário? Ou a história daquele atleta que apesar do cansaço, conseguiu, sozinho, superar os seus limites e atingir o objetivo? Ou a história daquela mulher rejeitada e marginalizada que, sozinha, venceu os preconceitos e se tornou bem-sucedida? Ou a história daquele empregado que, por causa da sua determinação, tornou-se o dono da empresa onde trabalhava?

Mas, propositadamente, essas histórias de sucesso costumam não revelar tudo. Essas histórias *“inspirativas”* costumam não revelar o quanto esse estilo de vida solitário, e, posteriormente, egocêntrico e individualista causou de prejuízos para a própria pessoa, para a família e para os outros. Os livros e a mídia ocultam o preço cobrado pelo deus ego: famílias despedaçadas, filhos desorientados e pessoas destruídas.

A SOLIDÃO E A COMUNHÃO

Ainda que as Escrituras enfatizem o aspecto positivo do estar sozinho, elas também ressaltam a importância do estar em comunhão. Todo crente precisa investir tempo em solidão; mas todo crente precisa igualmente investir tempo em comunhão. A solidão sem a comunhão produz indivíduos egocêntricos e individualistas. A solidão sem a comunhão faz o indivíduo imaginar que, porque se conhece, ele se basta; porque tem consciência dos seus limites, pode superá-los; porque já venceu

sozinho algumas batalhas, poderá vencer sozinho todas as guerras.

Dietrich Bonhoeffer sintetizou claramente esse princípio, essa realidade paradoxal, essa tensão entre a solidão e a comunhão, ao dizer: *“Quem não suporta a solidão, que tome cuidado com a comunhão. Quem não se encontra na comunhão, que tome cuidado com a solidão”*.¹⁴

De alguma maneira que não conseguimos compreender, o mistério da Trindade – ou da Trindade – nos revela esse paradoxo da solidão e da comunhão. O Pai, o Filho e o Espírito Santo são pessoas distintas, não se confundem, são cada qual, sozinhos, na Sua independência, plenamente Deus.

Igualmente, o Pai, o Filho e o Espírito Santo dependem cada qual Um do Outro. O Pai, só é Pai porque tem o Filho; o Filho, somente é Filho porque é eternamente gerado do Pai; e o Espírito Santo é eternamente procedente do Pai e do Filho. Assim, cada pessoa da Trindade é definida pelas outras duas Pessoas. A relação entre cada Pessoa é estabelecida pela comunhão que as Pessoas têm entre Si.

Por ter sido feito à imagem e à imagem e semelhança do Deus Triúno o ser humano também

experiência a sua vida em meio a esse paradoxo da solidão e da comunhão. Na solidão, o indivíduo se conhece como um ser único, diferente de todos os demais, chamado para cumprir um propósito específico. E na comunhão ele se percebe como um ser comunitário, dependente de todos os demais, chamado para unir o seu propósito ao propósito dos outros.

O CHAMADO DA IGREJA

A igreja é o espaço que Deus estabeleceu para que o indivíduo possa unir o seu propósito ao propósito de outros. Foi Deus mesmo quem criou a igreja! Ele a criou para que cada pessoa cumpra, com equilíbrio, o seu chamado específico. Ele a criou para que ninguém se imagine independente dos outros, e, da solidão caia no individualismo. Deus criou a igreja para que as pessoas vivam a experiência da comunhão.

Aos olhos de Deus, ninguém pode cumprir o seu chamado sozinho; ninguém pode viver sozinho; ninguém pode vivenciar a salvação sozinho. Gordon Fee faz o seguinte comentário:

Embora decidida individualmente, a salvação raramente é imaginada como simplesmente uma relação isolada com Deus. Embora tal relação esteja incluída, na verdade, “*ser salvo*” significa especialmente juntar-se ao povo de Deus. Neste sentido, o pai da igreja Cipriano, do terceiro século, tinha esta posição: não há salvação fora da igreja, porque Deus está salvando um povo para o seu nome, não uma miscelânea dissociada de indivíduos.¹⁵

Deus está salvando um povo. Ele está edificando a sua igreja com pedras vivas. Ele está unindo as pessoas na comunhão de Cristo. Ele está chamando as pessoas a se relacionarem, não virtualmente, mas, realmente, umas com as outras por meio de Jesus.

Por causa disso, a igreja televisiva é altamente questionável. Ainda que a pessoa possa ser

¹⁴ BONHOEFFER, Dietrich. Vida em comunhão. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1997. p.59.

abençoada pelos cultos e palavras transmitidas pela TV, ela não pode vivenciar a genuína comunhão pela TV. Pelo contrário, a televisão somente torna as pessoas mais sozinhas, egocêntricas e individualistas. O indivíduo é levado a pensar que não precisa dos outros e que pode bastar-se a si mesmo, se somente possuir um controle remoto em suas mãos.

A visão bíblica de igreja aponta para a comunidade; para a convivência das pessoas; para o relacionamento efetivo de uns com os outros. Segundo Deus, a comunhão é tão imprescindível para o indivíduo, que todas as coisas devem ser feitas uns aos outros. Como mostra Gordon Fee,

Todas as coisas são feitas *allelon* [um ao outro/uns aos outros]. Eles [os crentes] são membros uns dos outros (Rm 12.5; Ef 4.25), que estão edificando uns aos outros (1Ts 5.11; Rm 14.19), em favor uns dos outros (1Co 12.25), amando uns aos outros (1Ts 3.12; 4.9; 2Ts 1.3; Rm 13.8), procurando o bem uns dos outros (1Ts 5.15), suportando-se uns aos outros (Ef 4.2), levando as cargas uns dos outros (Gl 6.2), sendo bondosos e compassivos uns com os outros, perdoadando uns aos outros (Ef 4.32; cf, Cl 3.13),

submetendo-se uns aos outros (Ef 5.21), considerando uns aos outros melhores do que nós mesmos (Fp 2.3; cf. Rm 12.10), sendo devotados uns aos outros em amor (Rm 12.10), vivendo em harmonia uns com os outros (Rm 12.6).¹⁶

Ninguém consegue experimentar a ordem bíblica de “*uns aos outros*” se não vivenciar a comunhão efetiva de “*uns com os outros*”. Ninguém consegue se relacionar efetivamente com o crente que está do outro lado do televisor. Nenhum indivíduo consegue viver a genuína comunhão fora da convivência, lado a lado, com alguém de carne e osso.

O PRIVILÉGIO DA COMUNHÃO

São muitas as pessoas que ignoram o privilégio da comunhão. Isso acontece, talvez, porque essas pessoas jamais tenham sido impedidas de se relacionar com os outros. Tanto se acostumaram a estar

¹⁵ FEE, Gordon D. Paulo, o Espírito e o povo de Deus. São Paulo: United Press,

¹⁶ 1997.p.70. FEE, Gordon D. Paulo, o Espírito e o povo de Deus. São Paulo: United Press, 1997.p.72.

com outras pessoas que chegaram a banalizar o relacionamento. Desprezam a comunhão e, perdidas na solidão, tornam-se egocêntricas. Mas Bonhoeffer faz o seguinte alerta:

É graça de Deus uma comunidade poder reunir-se neste mundo, de maneira visível, em torno da Palavra de Deus e dos Sacramentos. Nem todos os cristãos compartilham dessa graça. As pessoas presas, doentes, solitárias na dispersão, que pregam o Evangelho em terras pagãs estão sozinhas. Elas sabem que a comunhão visível é graça.¹⁷

E quantas vezes rejeitamos a comunhão com outros irmãos! Com que facilidade desprezamos a presença e a companhia de outras pessoas! Com que prontidão escolhemos fechar-nos em nós mesmos, em nossas vidas, em nossos mundos e em nossas histórias! Essa jamais foi a atitude de Cristo e dos apóstolos.

Quando estava vivendo períodos de intensa agonia, em vez de dispensar os discípulos e se esconder, Jesus os chamou para mais perto e lhes disse: *“A minha alma está profundamente triste, numa tristeza mortal. Fiquem aqui e vigiem comigo”*.¹⁸

Jesus conhecia o privilégio da comunhão e sabia que estava na iminência de perdê-la por um espaço de tempo.

Paulo também reconhecia a supremacia da comunhão. Ele a colocava acima de qualquer trabalho que pudesse fazer em nome do Senhor. Certa vez, apesar de perceber uma porta aberta na cidade de Trôade, ele decidiu viajar para a Macedônia. A razão para isso? Ele não conseguiu encontrar Tito, o seu amigo.¹⁹

Depois de anos de ministério, já estando na prisão, Paulo escreve uma carta para Timóteo. A primeira preocupação de Paulo não é o trabalho, mas a pessoa de Timóteo. Paulo se preocupa com o seu filho na fé. A pessoa de Timóteo é muito mais importante do que o trabalho que o próprio Timóteo realiza. Paulo sente saudades de Timóteo. Dia e noite, se lembra dele, se recorda das lágrimas e da fé não fingida. O desejo de Paulo é que Timóteo vá

¹⁷ SBONHOEFFER, Dietrich. Vida em comunhão. 5.ed. São Leopoldo: Sinodal, 1997.p.10.

¹⁸ Mateus 26.38 – NVI.

¹⁹ 2Coríntios 2.12-13.

se encontrar com ele. Paulo deseja mais uma vez experimentar o privilégio da comunhão e, por isso, não se envergonha de pedir que Timóteo vá até a prisão para estar com ele.

Mas por que esse desejo pela comunhão é tão intenso em Paulo, nos demais apóstolos ²² e nos cristãos antigos ²³ ? Bonhoeffer lança uma luz na questão:

Na proximidade do irmão cristão, o preso, o doente, o cristão na diáspora reconhece um gracioso sinal físico da presença do Deus Triúno. Na solidão, visitante e visitado reconhecem um no outro o Cristo presente na carne, recebem e se encontram como se com o Senhor se encontrassem – em reverência, humildade e alegria. Aceitam a bênção um do outro como do próprio Senhor Jesus Cristo. Se um único encontro com um irmão traz tanta felicidade, que riqueza inesgotável deve se abrir àqueles que, pela vontade de Deus, são considerados dignos de viverem em comunhão diária com outros cristãos! ²⁴

Só despreza a comunhão aquele que não reconhece que ela é um privilégio. Talvez esse indivíduo nunca tenha estado verdadeiramente

sozinho; talvez não saiba o que é estar enfermo, preso ou longe de casa em uma terra estranha; talvez não imagine que tal privilégio de comunhão lhe pode ser tirado a qualquer momento; ou talvez esteja tão escravizado no individualismo que não consegue se libertar.

DEVOLTA À IGREJA

O único lugar onde a pessoa pode encontrar a libertação do egocentrismo é na igreja, na comunhão com outros irmãos. Isso é evidenciado, por

²⁰ 2Timóteo 1.3-5.

²¹ 2Timóteo 4.9.

²² Para o apóstolo João, a comunhão, o encontrar-se com os irmãos, era razão para a alegria completa – 2João 12

²³ Dentre os vários exemplos, pode-se citar o de Inácio de Antioquia. Quando estava a caminho de Roma, onde seria martirizado, Inácio se encontrou com alguns cristãos e escreveu: *“Depois de orar a Deus, obtive dele ver vossos rostos santos, pois eu tinha pedido insistentemente receber esse favor. Acorrentado em Jesus Cristo, espero saudar-vos, se é vontade de Deus que eu seja encontrado digno de ir até o fim”* (ANTIOQUIA, Inácio. Padres apostólicos. São Paulo: Paulus, 1995.p.103).

²⁴ BONHOEFFER, Dietrich. Vida em comunhão.5.ed. São Leopoldo: Sinodal, 1997.p.11.

exemplo, nos pequenos grupos. Nesses lugares, os cristãos podem se encontrar uns com os outros por mediação de Cristo. Ali, as pessoas experimentam o perdão, a cura, a restauração, o aconchego e, naturalmente, o poder do evangelho: famílias desestruturadas são restauradas; casamentos despedaçados são renovados; pessoas perdidas são encontradas; jovens angustiados experimentam o perdão.

Tudo isso acontece, não porque as pessoas têm poder em si mesmas, mas, sim, porque a igreja é o lugar da habitação do Espírito Santo. É o Espírito Santo quem tem poder para libertar, restaurar e transformar. É Ele quem opera dentro da igreja, dentro dos corações e no meio dos relacionamentos. É Ele quem usa pessoas para restaurar pessoas; usa relacionamentos para curar relacionamentos; usa a comunhão para libertar os que estão presos na solidão do individualismo.

Na igreja, as pessoas são chamadas para serem elas mesmas e para se libertarem das imposições desse mundo caído. Elas são chamadas a tirar as máscaras que as deformam e a lidar com suas próprias limitações. Elas são chamadas a se despirem das roupas de herói e a serem gente como toda

gente. Elas são chamadas a revelar quem são verdadeiramente: pessoas que sofrem, sentem dor, choram, erram, pecam, sentem ira, sofrem de angústia, passam por desesperanças e experimentam fragilidades.

A igreja não é o lugar dos que são somente santos e nem o dos que são somente pecadores. A igreja é o lugar daqueles que são completamente e ao mesmo tempo santos e pecadores: santos por causa de Cristo e pecadores por causa de si mesmos. A igreja é aquela comunidade dos fiéis que foram resgatados pelo sangue de Jesus, foram unidos em Cristo e aguardam ansiosamente a vinda do Cordeiro.

Saber isso, que Cristo é o responsável pela igreja e pela nossa comunhão é libertador. Como mostra Bonhoeffer:

O irmão com o qual lido na comunhão não é aquela pessoa honesta, ansiosa por fraternidade e piedosa, que está diante de mim, mas é a pessoa redimida por Cristo, justificada, chamada para a fé e para a vida eterna. Nossa comunhão não pode ser baseada naquilo que a pessoa é em si, em sua espiritualidade e piedade. Determinante

para nossa fraternidade é aquilo que a pessoa é a partir de Cristo. Nossa comunhão consiste unicamente no que Cristo fez por nós dois. E isso não é assim apenas no início, como se, no decorrer do tempo, algo fosse acrescentado a essa comunhão, mas assim será para todo o futuro e em toda a eternidade. Só tenho e terei comunhão com outra pessoa através de Jesus Cristo.²⁵

Porque Cristo foi quem desfez a inimizade que havia entre o homem e Deus e entre pessoas e pessoas,²⁶ e Ele me conhece profundamente, e me aceitou, assim como estou, e me tornou membro do seu corpo, que é a igreja, então eu posso, sem medo, viver sem máscaras na comunhão com meus irmãos.

E se alguém me exigir que coloque máscaras, ou se os demônios me sussurrarem nos ouvidos, dizendo que não posso ser eu mesmo, ou se a instituição quiser me sufocar e me engessar na forma de herói, eu posso dizer para mim mesmo e para quem quiser ouvir: *“Foi Cristo quem me trouxe para a igreja! Foi Ele quem me chamou à comunhão! Foi Ele quem me libertou das máscaras! Eu vou me manter fiel a Ele! Eu viverei Coram Deo! E com os olhos Nele, naquele dia*

eu ouvirei: 'Muito bem, servo bom e fiel! Você foi fiel no pouco, eu o porei sobre o muito. Venha e participe da alegria do seu Senhor!' ".²⁷

²⁵ BONHOEFFER, Dietrich. Vida em comunhão. 5.ed. São Leopoldo: Sinodal, 1997. p.16.

²⁶ Efésios 2.14-18.

²⁷ Mateus 25.21 – NVI.

JESUS TE AMA E QUER VOCÊ!

1º PASSO: Deus o ama e tem um plano maravilhoso para sua vida. *“Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” (Jo 3.16.)*

2º PASSO: O Homem é pecador e está separado de Deus. *“Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus.”* (Rm 3.23b.)

3º PASSO: Jesus é a resposta de Deus, para o conflito do homem. *“Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim.”* (Jo 14.6.)

4º PASSO: É preciso receber a Jesus em nosso coração. *“Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que crêem no seu nome.”* (Jo 1.12a.) *“Se, com tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, será salvo. Porque com o coração se crê para justiça e com a boca se confessa a respeito da salvação.”* (Rm 10.9-10.)

5º PASSO: Você gostaria de receber a Cristo em seu coração? Faça essa oração de decisão em voz alta: *“Senhor Jesus eu preciso*

de Ti, confesso-te o meu pecado de estar longe dos teus caminhos. Abro a porta do meu coração e te recebo como meu único Salvador e Senhor. Te agradeço porque me aceita assim como eu sou e perdoa o meu pecado. Eu desejo estar sempre dentro dos teus planos para minha vida, amém”.

6º PASSO: Procure uma igreja evangélica próxima à sua casa.

Nós estamos reunidos na Igreja Batista da Lagoinha, à rua Manoel Macedo, 360, bairro São Cristóvão, Belo Horizonte, MG.

Nossa igreja está pronta para lhe acompanhar neste momento tão importante da sua vida.

Nossos principais cultos são realizados aos domingos, nos horários de 10h, 15h e 18h horas.

Ficaremos felizes com sua visita!



Uma publicação da Igreja Batista da Lagoinha

Gerência de Comunicação

Rua Manoel Macedo, 360 - São Cristóvão

CEP: 31110-440 - Belo Horizonte - MG

www.lagoinha.com

Twitter: [@Lagoinha_com](https://twitter.com/Lagoinha_com)